

De lama, vida e fragmentos: compondo o Museu Virtual Mariana Território

Atingido¹

Laís Jabace Maia - Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais

Paula Pflüger Zanardi - Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais

Palavras-chave: museu virtual; memória; crime socioambiental

Desastre e memória

O rompimento da Barragem de Fundão em Mariana é considerado o desastre-crime industrial que causou o maior impacto ambiental da história brasileira e do mundo envolvendo barragens de rejeitos, com um volume total despejado de 62 milhões de metros cúbicos de lama tóxica². Um desastre dessa dimensão causa danos e perdas antes inimagináveis de serem mensurados e sem precedentes para sua reparação. A lama de rejeitos atingiu trinta e oito municípios mineiros e capixabas ao longo de 680 km de extensão pelas bacias do Córrego Santarém, Rio Gualaxo do Norte, Rio do Carmo e Rio Doce, tendo chegado à foz no Atlântico e alcançado as águas marítimas do sul da Bahia. Durante os últimos cinco anos, a Assessoria Técnica Independente (ATI, realizada pela Cáritas Regional Minas Gerais) desenvolveu, em diálogo com os atingidos e atingidas do município de Mariana, metodologias em diversas linguagens com o objetivo de levantar de forma mais completa as perdas e danos que essas famílias vivenciam.

As informações primárias produzidas, portanto, estão inscritas em pesquisa prática (LOW; MERRY, 2010; KIRSCH, 2018) cujo propósito central foi o registro detalhado para fins de instrumental ao pleito indenizatório e de restituição do direito à moradia adequada. Há que se considerar que esses sujeitos atingidos foram profundamente atravessados pelo desastre-crime de grandes proporções, o que torna as memórias imbuídas do evento crítico, reelaboradas e narradas a partir da vivência traumática.

[...] tudo está muito diferente. Agora eu vivo preocupada, pensando quando vamos sair dessa. É muito sofrimento, muita dor, muito desespero. São três anos de angústia e sofrimento. Eu diria que essa marca nunca vai apagar, essa marca vai ser para sempre, mas a gente vai aprendendo com a vida.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² CARNEIRO, Laura; HONORATO, Priscila. Rejeito e toxidade: notas sobre o plano de manejo de rejeito. Hiperlink para águas ou infográfico. In: **Museu Virtual Mariana Território Atingido**. Disponível em: <<http://www.territorioatingido.com.br/#/conteudostematicos/aguas>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Atingida de Paracatu de Baixo³

No dia que a barragem rompeu, aquela correria, aquela loucura. Mal a gente conseguia falar, né? A gente queria era ajudar, saber como tirar aquele povo que tava lá dentro ainda. No dia seguinte a mesma coisa, passamos a noite no alto lá no outro lado. No dia seguinte a coisa parece que piorou mais ainda. Hoje a gente fala que é um período que a gente ficou meio abobado, parece que o susto foi tanto que a gente ainda não tinha dado fé do que tinha acontecido ainda.

Atingido de Bento Rodrigues⁴

Mas é uma coisa de louco, dá pra ficar com a cabeça quente. Eu fiquei uns três dias com aquela zueirada da lama na minha cabeça e as criação latindo. Uns três dias com aquilo na minha cabeça. Porque é o grito mais triste que tem, aquele grito mais triste, morrendo. A gente tá vendo as coisas morrer, sentindo que tá morrendo e não pode salvar e só aqueles gritos mais tristes do mundo. Ah, não! Aquilo ficou gravado muitos dias na minha cabeça.

Atingido de Paracatu de Baixo⁵

Nesse sentido, se as memórias entendidas como individuais são coletivamente construídas e reconstituídas a partir de um presente (HALBWACHS, 1990), as lembranças e testemunhos trazidos por uma população vítima de um acontecimento traumático, como o vivido pelas pessoas atingidas pelo rompimento da Barragem do Fundão, são profundamente marcadas pelo referido evento crítico e seus desdobramentos, sendo ressignificadas mesmo aquelas que remetem ao período pré-tragédia. Assim, numa disrupção do tempo instituída de maneira linear, há um aprisionamento desses sujeitos no dia do rompimento, que se repete em detalhes nas conversas cotidianas e refrata os sentidos de mundo.

[...] tenho muitos pesadelos com a lama, sempre penso muito no que aconteceu, sempre converso com meus amigos sobre o dia do rompimento, e a gente sempre compara como é morar aqui e como era morar na comunidade. [...] Hoje passei a ter medo de morrer.
Criança atingida, 11 anos⁶

Após o rompimento meu sono ficou ruim. Ainda vem na mente os cavalos se debatendo na lama, o que vi da escola, todos correndo.

³ SILVA, Expedito Lucas; MUNIZ, Manoel Marcos; SILVA, Maria Geralda. Entre o Cansaço e a Esperança. **Jornal A Sirene**, Ano 3, ed. 32, p. 7. Mariana: novembro de 2018. Disponível em: <https://issuu.com/jornalasirene/docs/novembro_issuu>. Acesso em: 05 ago. 2022.

⁴ Fala realizada por Mauro Marcos Muniz em conversa informal durante as festividades de São Bento, na comunidade de São Bento. Mariana, 30/07/2022.

⁵ GESTA, 2017. Depoimento durante o trabalho de Mapeamento. In: LIMA, Maryellen. "AQUI NÃO É O NOSSO LUGAR": Efeitos socioambientais, a vida provisória e o processo de (re)construção de Paracatu de Baixo, Mariana/MG. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Minas Gerais,. Belo Horizonte, 2018.

⁶ JABACE, Laís; ZANARDI, Paula. Criança e Adolescente: Traumas. In: **Museu Virtual Mariana Território Atingido**. Disponível em: <<http://www.territorioatingido.com.br/#/conteudostematicos/criancaadolescente/traumas>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

Sempre essas memórias em minha mente e tenho pesadelos. Senti mudanças no meu psicológico. Fiquei sem reação, mudou tudo e minha mente ficou perturbada. Foi uma mudança de uma hora para a outra, a gente tinha que mudar, porque já tinha perdido tudo. Só tenho pensamentos ruins.
Criança atingida, 13 anos⁷

O rememorar desses atingidos e atingidas de Mariana demonstra tentativas de atribuição de sentido ao indizível, como elabora Ferenczi (*apud* KAHTUNI, 2009; KUPERMANN, 2008, 2019). Os atingidos e atingidas não encontram experiência equivalente para correlacionar, por exemplo, com o barulho da lama de rejeitos enquanto tudo ali era engolido, que segundo os relatos remetia à intensificação de fortes e insistentes trovoadas, acrescido dos sons de gritos desesperados, quebra e carregamento das construções, rochas e árvores, e animais em agonia. Assim, no esforço de representação da calamidade que carece de simbolização no repertório dessas famílias, que nunca haviam passado por nada que remetesse àquele horror, a tragédia é reiteradamente retomada.

Antes a gente tinha aquela impressão de que iria passar a lama e a gente iria voltar. Aí no domingo fomos lá, vimos mais de perto e pensei “é, aqui acho que não volto mais, não”. Era o que vinha à mente diante de tanta destruição e aquele era o local em que fomos criados, nascidos e escolhido para ser vivido o resto da vida. Era o nosso caso, da minha família, exemplo. Depois a gente via a necessidade que tinha de retornar pras mediações pra retirar um pouco do gado que sobrou e aí tinha aquela impressão de que se pudesse tapar a imagem... Depois voltamos lá outras vezes, choramos muito e aí, com o passar o tempo, depois de um dia que fui e chorei muito, pensei: “acho tô meio bobo, o lugar que eu tinha escolhido para viver o resto da vida, por que não voltar aqui mais?”. Aí que eu me baseei na situação de que se você tem um familiar e ele sofreu um assassinato da pior maneira possível, naquele local, você não tem que ir lá buscar o corpo, fazer um sepultamento digno? Então decidi voltar, sim. E eu vi que foi a melhor coisa que a gente fez, porque iríamos perder aquele espaço. Aí que nós mostramos a resistência. Às vezes ia sozinho, chorava, encontrava com algumas pessoas, chorava junto.

Atingido de Bento Rodrigues⁸

Diante da situação de desamparo extremo, busca-se o outro, para ser testemunha do que aconteceu. Assim, para além da atribuição individual de sentido em meio a uma tragédia sem precedentes e elaboração do trauma na vida dessas pessoas, o rememorar também contribui para que seja construída e reiterada, ainda que siga em atualização constante, uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990). Há um fortalecimento desses sujeitos nessa comunidade de sentidos que se estabelece, tanto pelo apoio mútuo expresso na

⁷ Ibidem.

⁸ Fala realizada por Mauro Marcos Muniz em conversa informal durante as festividades de São Bento, na comunidade de São Bento. Mariana, 30/07/2022.

convivência cotidiana, como também pela validação dos sentimentos e lembranças. Destacamos, no entanto, o caráter também compulsório da repetição exaustiva das perdas diante de uma rotina marcada por sucessivas reuniões, negociações extrajudiciais, audiências, registros e levantamentos.

Constantemente, questionadas, essas pessoas precisam de forma reiterada defender as perdas e sofrimentos que lhes foram impostas, seja nas disputas e procedimentos já estabelecidos dentro do controverso processo reparatório, seja nas relações interpessoais na hostil sede da cidade de Mariana⁹. Em junho de 2022, durante uma reunião da comissão de atingidos de uma das comunidades com o presidente da Fundação Renova, na qual se tratava dos reassentamentos coletivos no município cuja entrega está atrasada e a inadequação para a restituição dos modos de vida é evidente, uma liderança colocou ao presidente da instituição: “Eu vou até me desculpar aqui, porque eu estou louca, estamos todos aqui loucos. Só pode ser”. Em uma audiência judicial realizada em agosto de 2021, quando os atingidos e assessoria técnica apontavam a política de não reconhecimento dos atingidos por parte da Fundação Renova e os vícios do processo de negociação extrajudicial para as indenizações no município¹⁰, um representante da comissão desabafou: “parece que os réus aqui somos nós”. Nesse cenário, que exige a todo momento a necessidade de reafirmação da condição de atingido, entendemos que a instituição de compreensões comum a esses sujeitos permite que eles consigam resistir aos reiterados silenciamentos ou mesmo deslocamentos de verdade.

Seguir tensionando pelo reconhecimento e reparação remete também aos que não viram em vida a justiça ser realizada. Constantemente mencionados nas falas em diversos

⁹ Sobre a hostilidade vivida na sede do município de Mariana, ver: OLIVEIRA, Raquel. **O estigma de ser atingido**: potência e dor de uma identidade marcada.; JABACE, Laís; ZANARDI, Paula. **Criança e Adolescente**: Traumas.; CALISTO, Elenice. **Os Atingidos e a discriminação em Mariana**. A respeito do delongado e fatigante processo reparatório, ver: LEMOS, Carolina; DICENZO, Daniela; VERSIANI, Marisa; CHAVES, Teresa. **Nas entrelinhas do tempo.**; COTA, Larissa; XAVIER, Raquel. **Afinal, o que é ser atingido?**. ASSESSORIA JURÍDICA - ATI MARIANA. Não reconhecidos. In: Museu Virtual Mariana Território Atingido. Disponíveis em: <<http://www.territorioatingido.com.br/#/conteudostematicos>>. Acesso em: 05 ago. 2022. Ver também: JABACE, Laís et al. O direito perdido na lama: desafios à atuação da Assessoria Técnica Independente em Mariana. In: ALEIXO, Letícia; ARCANGELO, Wigde (Orgs.). **O Direito das comunidades atingidas pela mineração à Assessoria Técnica Independente**. 1. ed. Belo Horizonte: Cáritas Regional Minas Gerais, 2022, p. 240-262. Disponível em: <<http://mg.caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/July2022/xqX4PiLe1U6XSiWyQdD3.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2022

¹⁰ Algumas práticas e violações da Fundação Renova, no âmbito da FNE, estão relatadas no Parecer Técnico Jurídico produzido pela equipe de Assessoria Jurídica da Cáritas MG. CÁRITAS - Regional Minas Gerais. **Fase de Negociação Extrajudicial**: empecilho à reparação integral? Mariana (MG): Cáritas, 2021 Disponível em: <<http://mg.caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/December2021/ZSzuQyeDEmzOnKWzaXL7.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

contextos, destacamos aqui que muitas reuniões e audiências são iniciadas com místicas lembrando os mortos do momento do rompimento e dos anos seguintes. A preocupação de que os mais velhos consigam restituir suas vidas com dignidade é também verbalizada com frequência e expressa na decisão da Comissão de Atingidos pela Barragem de Fundão (CABF) de se finalizar primeiramente esses cadastros, na solicitação de que a ATI realizasse material com registros audiovisuais centrado nos depoimentos dessas pessoas e na priorização de conteúdo sobre idosos no site.

Por vezes, ainda, os próprios atingidos expressam que o esforço de narrar suas histórias, unificadas na história coletiva do rompimento, é como um dever social. Há um imperativo moral de trazer para a sociedade as chagas produzidas nessas comunidades rurais, não apenas para se fazerem ouvir – e existir – e para terem seus direitos restituídos, mas para que esse processo perverso de exploração e descaso não se repita em outros territórios.

Tudo que a gente planeja fazer dentro de Bento Rodrigues, não medimos esforço. Nossas memórias estão ali, tem coisas que precisam ser preservadas. As nossas ruínas, os muros de pedra da igreja de São Pedro, a igreja de Mercês precisa ser mantida acontecendo e cuidada, o cemitério está lá podendo ter sepultamento. Não estou mexendo em minhas terras porque elas estão sob o dique [S4], mas se pudesse, estava lá. Então, tudo isso envolve a resistência. Torço pra essa turma mais nova, na hora em que a gente for embora, torço pra essa turma dar continuidade. Não só pra nós, pro mundo ver o que aconteceu. A ganância da empresa, no que resultou. A bagunça que fez e até hoje, quase 7 anos, e não se resolveu quase nada. É nesse sentido e tem o lado da indignação que vem acontecendo, que a gente também mostrando essa resistência, a gente também acaba desabafando um pouco.

Atingido de Bento Rodrigues¹¹.

Reconstituição em território virtual

Nomear o crime e falar da devastação que acometeu o território é central para o processo de elaboração das perdas e do luto entre as pessoas atingidas. A demora na reparação, o desaparecimento da pauta nos principais periódicos ao longo dos anos, reatualizam a dor experienciada pelos atingidos.

Quando as pessoas vão lá na comunidade aí sim é atingida. Por que atingida? É porque vai na alma. Porque a alma, ela sente dor. Então, até vocês quando forem ao nosso território conhecer, vocês também serão atingidos. Porque vocês vão voltar para o emocional, vocês vão ter uma reviravolta de tudo que vocês já viram na vida. Porque a partir do momento que vocês pisam naqueles territórios é que vocês vão analisar o que a ganância de um poder faz.

Atingida de Paracatu de Baixo¹².

¹¹ Fala realizada por Mauro Marcos Muniz em conversa informal durante as festividades de São Bento, na comunidade de São Bento. Mariana, 30/07/2022.

¹² QUEIROZ, Luzia. Comunicação oral. In: DPE-ES et al. **Seminário Balanço de 2 anos do rompimento da barragem de Fundão**. Vitória, 06 a 08/11/2017.

Impedidas de viver nas comunidades de origem, seja pela desarticulação das relações de vizinhança, contaminação ambiental, desequilíbrios do ecossistema, interrupção das vias de acesso, esvaziamento do entorno, cobertura da lama de rejeitos ou mesmo, como no caso de Bento Rodrigues, pela presença ostensiva de uma cancela e de parte da área estar submersa em um dique de contenção (SANTOS, et al, 2021), essas famílias insistem em defender a posse da terra, expressando sempre o pertencimento ao local e a não disposição em deixá-lo para ocupações alheias à sua vontade.

Bento pra gente é um só, e é lá. É nosso lugar, é um território... sagrado. É o nosso lugar sagrado. Tirar o dique é uma questão de honra. A gente merece respeito.

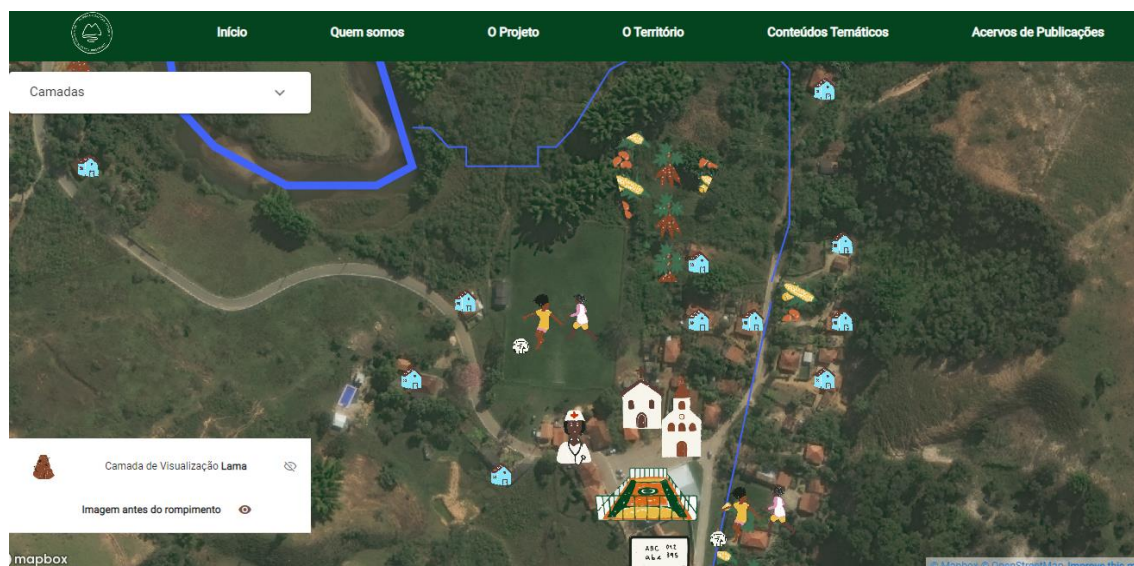
Atingida de Bento Rodrigues¹³.

Como forma de disponibilizar essas informações e constituir um instrumental para as disputas de narrativas, o Museu Virtual Mariana Território Atingido elabora os sentidos de comunidade, tecendo os fragmentos obtidos a partir do esforço em escutar o indizível e registrar todo o irrestituível. Diante da devastação produzida nas comunidades de origem, o museu virtual recria os territórios atingidos no município de Mariana, representando plantios, criações, moradias, caminhos e referências comunitárias georreferenciadas. É na sobreposição dessas informações com imagens, textos, vídeos e áudios, elaborados e produzidos a partir do experienciado cotidianamente junto aos sujeitos centrais de nossa atuação, que compusemos este território virtual. Assim, a plataforma integra prática de pesquisa, fundamental para um contorno sistemático dos dados, e ação política, necessária para se fazer ouvir as narrativas subalternas.

Os dados aportam a devastação produzida pela mineração no território e denunciam o descaso com as comunidades que ainda anseiam pela reparação integral e lutas por justiça. Contudo, a representação nesse território virtual é feita com cuidado, para que se possa conhecer a história dessas comunidades e a história do crime socioambiental, com perspectivas de um futuro em que não haja rompimentos de barragens e violações sistemáticas dos direitos humanos em áreas minerárias. A estética e escolhas gráficas privilegiaram representar aspectos comuns do território de modo que não produzisse uma revitimização dos atingidos, que não fosse mais um espaço potencialmente gerador de

¹³ Fala realizada por Mônica dos Santos durante reunião ordinária da Comissão dos Atingidos e Atingidas pelo Rompimento da Barragem do Fundão. Mariana, 16/05/2022.

sofrimento como tem ocorrido ao longo dos quase sete anos de negociações e mediações nas quais os atingidos são submetidos a diversas violências institucionais¹⁴.



Legenda: Quadrante que localiza diversas camadas na comunidade de Paracatu de Baixo. Seleção feita pelo usuário na página inicial do site www.territorioatingido.com.br

O trabalho criado pretende fazer perdurar os modos de fazer, as práticas, as celebrações e as memórias dos atingidos e atingidas sem, contudo, determiná-los pelo desastre-crime. Assim, na falta da devida reparação, pudemos oferecer aos atingidos uma forma de acessar, visitar, perambular pelas ruas dos seus povoados, aqui repleto dos elementos apontados por eles que uma vez já existiram. São galinheiros, roças, nascentes entre trinta e oito camadas que podem ser acionadas para dar a ver o cotidiano da vida na comunidade. A escolha dos conteúdos que viriam a compor o Museu Virtual foi realizada a partir do diálogo com a comissão de atingidos (CABF) que, em suas reuniões quinzenais, trazia novas contribuições para a consolidação deste território. Muitas vezes fomos surpreendidas ao perceber que os apontamentos feitos pela comissão coincidem com entendimentos formulados pelos assessores e assessoras ao longo dos anos de acompanhamento técnico. O conteúdo temático referente a crianças e adolescentes¹⁵ é um destes casos. Gostaríamos de produzir uma reflexão sobre a infância interrompida devido ao número de depoimentos que indicavam a existência de um trauma coletivo neste demográfico. Nossos anseios encontraram eco na comissão que tinha esta como pauta prioritária para a visibilização dos danos, como um ponto sensível tanto pelos

¹⁴ enquadradas pela lei 14.321/2022.

¹⁵ Ver mais em: <http://www.territorioatingido.com.br/#/conteudostematicos/criancaadolescente/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

adoecimentos e impactos na vida escolar, quanto pela perda de vivência das comunidades. Da mesma maneira, a ideia das assessoras de organizar um calendário litúrgico¹⁶ que pudesse ser pendurado na parede de casa e apresentasse todas as celebrações das comunidades, veio a partir da observação da importância dada às festividades religiosas e do esforço em continuá-las. Mas, descobrimos, esse registro era também um desejo antigo dos atingidos e atingidas.

Para além de uma coincidência, ao nos debruçarmos sobre os dados produzidos pelo processo de cadastramento, pudemos identificar histórias silenciadas, solapadas pela lama e invisibilizadas pelas urgências imediatas subsequentes ao crime e que se mantiveram como prioridade das ações da assessoria: onde essas pessoas vão viver temporariamente? Quem cuidará dos animais que sobreviveram? Como será estabelecido o auxílio emergencial? Como será a negociação das indenizações?



Legenda: Ilustração do Rio Gualaxo do Norte e as comunidades atingidas à sua volta representadas por elementos de sua cultura. Arte criada para a composição do museu virtual pela designer Elisa Smania, 2022.

Esta não é a primeira proposta de uma musealização deste território. Em 2019, foi elaborado pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, o ICOMOS Brasil, o Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues (CASTRIOTA, 2019) que propunha a constituição de um Museu de Território nesta comunidade para a preservação da memória dos impactos desse desastre-crime. O estudo surgiu como resposta ao decreto de

¹⁶ Disponível em:

<<http://www.territorioatingido.com.br/#/conteudostematicos/religiosidadepopular/calendarioliturgico>>
Acesso em: 15 jun. 2022.

patrimonialização de Bento Rodrigues (NERY et al.; 2019) pelo Conselho de Patrimônio de Mariana (COMPAT) em 2016. Este museu de território não chegou a ser implementado, e Bento Rodrigues permanece inacessível à população, com suas entradas bloqueadas por guaritas da mineradora.

No Museu Virtual Mariana Território Atingido optamos por dar visibilidade à vida no território, à diversidade cultural e à pluralidade de temas que perpassam o cotidiano dos atingidos e atingidas, sem reduzi-los ao contexto de destruição do rompimento. Assim, a caracterização do território é feita de maneira cuidadosa, valorizando as sociabilidades, os modos de ser e fazer a partir das representações elaboradas pelas famílias.

O eixo central deste território virtual foi o Rio Gualaxo do Norte, que interliga essas comunidades atingidas, sendo fundamental para a criação de animais e lavouras, garimpo artesanal, pesca, banhos e lazer, ou seja, indissociável do modo de vida no território. A despeito dos vocabulários rotineiros das empresas-rés distinguirem entre impactos diretos e indiretos, entendendo como dano direto exclusivamente porções de lama invadindo as propriedades e considerando apenas esses como elegíveis à reparação, compreendemos que tal classificação é uma redução da complexidade da vida social no território. Até o início de 2022, de acordo com dados apresentados pela própria Fundação Renova, no município de Mariana, havia mais pessoas cujo pleito ao reconhecimento para indenização na via extrajudicial instituída havia sido negado do que atingidos que concluíram as negociações extrajudiciais indenizatórias, aceitando ou não a proposta da instituição. A partir desse paradigma reducionista, centenas de famílias foram consideradas inelegíveis à indenização, ou seja, não foram reconhecidas como atingidas.

No site, partimos do princípio epistemológico que as desarticulações das redes de sociabilidade e atividades produtivas configuram aquela comunidade e seus habitantes como atingidos pelo crime socioambiental, situação que se verifica no empobrecimento evidente dessas famílias que permaneceram nas áreas de origem e no significativo êxodo rural observado.

Criar este museu virtual foi a forma encontrada pelas assessoras de dar visibilidade aos impactos causados pelo modelo minerário em curso no Brasil que se utiliza de tecnologias de alto risco devido ao menor custo, como o de barragens à montante. Tal modelo baseia-se na ideia de que a terra é um recurso a ser explorado e transformado em mercadoria, aleijando a terra, a montanha e o rio de sua personalidade e sentidos próprios, assim como os sentidos para as comunidades que ali vivem. Ailton Krenak (2019, p. 21) narra que:

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa).

Assim como os Krenak, as comunidades constituídas às margens do rio Gualaxo do Norte foram expulsas pela mineração e confinadas a uma vida completamente distinta da que levavam em suas casas e roças. Ao divulgar os dados sobre a diáspora desses grupos, objetivamos mostrar que essas outras existências, as formas de ser no mundo da população que ali vivia, estão em colapso.

DESLOCAMENTO FORÇADO PÓS-ROMPIMENTO:



AS FAMÍLIAS QUE MIGRARAM RESIDEM ATUALMENTE EM:



Legenda: Extrato do infográfico produzido pelo Museu Virtual. Disponível em: <http://www.territorioatingido.com.br/#/conteudostematicos/casas/deslocamentoforcado> Acesso em: 20 jun. 2022.

O museu é também uma ferramenta de rememorar esse crime, de recontar essa história e fortalecer a organização política e mobilização social dos atingidos e atingidas. Talvez assim possamos, nos termos de Ailton Krenak, adiar o fim do mundo.

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência (KRENAK, Ailton, 2019, p. 15-16).

Bibliografia:

CASTRIOTA, Leonardo Barci, *et al.* **Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues**. Belo Horizonte: IEDS, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KAHTUNI, Haydée Christinne. **Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi**: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: FAPESP, 2009.

KIRSCH, S. **Engaged Anthropology**. Oakland (California): University of California Press. 2018, 306 p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUPERMANN, Daniel. **Presença sensível**: cuidado e criação na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

KUPERMANN, Daniel. **Por que Ferenczi?** 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2019.

LOW, S M.; MERRY, S. E. **Engaged anthropology**: Diversity and Dilemmas. *Current Anthropology*, v. 51, suplementação 2, out. 2010.

NERY, Samantha de Oliveira; LIMA E ANDRADE. Claudia Nunes de; CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Um museu de território para Bento Rodrigues**. *Indisciplinar*, v. 5 n 2. UFMG, 2019.

SANTOS, Mônica; GUIMARÃES, Michele; QUIRINO, Israel. **Perda do Direito de Propriedade por Ato de Terceiro**: estudo de caso da situação dos atingidos moradores do povoado Bento Rodrigues - Mariana/MG após o rompimento da Barragem do Fundão em 2015. Faculdade Presidente Antônio Carlos. Mariana, 2021.